

Cidade
De
Sangue

Fernandes Elesban

Todos os direitos reservados

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem a autorização por escrito do autor caso contrario estará infringindo a lei n° 9.610 de Direitos Autorais

Escrito, Preparado e Diagramado: Fernandes Elesban

Revisão: Editora Excelente

Capa: Aderlane Gomes da Silva

Impressão e Acabamento: Clube de Autores

DADOS DO LIVRO

Elesban, Fernandes

Título Original: Cidade de Sangue

Registro no Escritório de Direitos Autorais na Biblioteca Nacional da Cidade do Rio de Janeiro – RJ:

Nº 597.105

Gênero: Ficção – Realismo Fantástico – Milênismo

Editora Excelente
AV. Argentina, Quadra 12 Casa 10, Bairro XV de Maio
Várzea Grande – MT
CEP: 78132-310

Índice

	Pág.
Capitulo 1 – O Radar	6
Capitulo 2– Na Guarita	7
Capitulo 3 – Motoqueiros	7
Capitulo 4 – A Barreira policial	9
Capitulo 5 – A Abordagem	10
Capitulo 6 – A Desconfiança	13
Capitulo 7 – a cidade	15
Capitulo 8 – a lanchonete	16
Capitulo 9 – o desespero	18
Capitulo 10 – Gritos Medonhos	19
Capitulo 11 – Os Policiais	20
Capitulo 12 – O susto Na Guarita	23
Capitulo 13 – As Multas	24
Capitulo 14 – O Susto	29
Capitulo 15 – O Cerco	35
Capitulo 16 – Escapando dos Vampiros	37
Capitulo 17 – Observando a Catastrofe	38
Capitulo 18 – O Nevoeiro	41
Capitulo 19 – A Sala de Armamento	45
Capitulo 20 – O Crepusculo	45
Capitulo 21 – A Correria	48
Capitulo 22 – A Igreja	49
Capitulo 23 – Saindo da iGREJA	53
Capitulo 24 – DIRIGINDO PELAS RUAS	53
Capitulo 25 – O CAVALO DE PAU	54
Capitulo 26 – MOTOQUEIROS ARMADOS	56
Capitulo 27 – A ESCOLA	57

Capitulo 28 – MOTOQUEIROS NA ESCOLA	58
Capitulo 29 – MANCANDO	60
Capitulo 30 – ARTIGOS DE PESCA	60
Capitulo 31 – O HOSPITAL	63
Capitulo 32 – SAINDO DO HOSPITAL	63
Capitulo 33 – O DUELO	63
Capitulo 34 – saindo da cidade	68

CIDADE DE SANGUE

I

A dez quilometro do trevo que dá o acesso à rodovia estadual MT-050, à cidade de Cana Brava do Norte – MT, e seguindo a rodovia federal BR-158 de acesso à Porto Alegre do Norte e Vila Rica, ambas as cidades localizadas no Estado de Mato Grosso, situava-se uma guarita da Policia Rodoviária Federal; lá estavam dois policiais cumprindo com suas obrigações de fiscalizar as estradas Federais, sendo eles os policiais Cezar e Jéferson. Em alguma parte da estrada a aproximadamente quinze quilômetros do posto da polícia rodoviária federal, e a vinte e cinco quilômetros do trevo estavam mais dois policiais, sendo eles Mórmon e Aluízio, ambos faziam a fiscalização do controle de velocidade dos veículos onde Aluízio segurava o aparelho de radar estando escondido atrás de uma árvore e Mórmon estando no carro que também se encontrava escondido em uma estrada de chão, sendo esta uma entrada para uma fazenda, recebia ele as informações do radar que seu amigo segurava e ao passar um veículo, dizia Mórmon a Aluízio que se encontrava agachado a uns cinquenta metros do veículo:

— É! Eu acho que os motoristas devem estar avisando uns aos outros, pois faz tempo que não pegamos ninguém.

— É verdade! E quem quer pagar multa?

No rádio do carro ouvia-se Cezar da guarita:

— Carro um meia três na escuta? Cambio!

— Sim! Carro um meia três! Cambio! – respondia Mórmon.

— Está tudo bem? O Radar está funcionando? Cambio!

— Está sim, é que o povo tá esperto! Cambio!
— Está bem, mude de local. Aí já está manjado.
Cambio!

Mórmon fazia sinal com a mão para Aluízio desligar o radar para ambos saírem e assim Aluízio fazia se deslocando com o aparelho até a viatura de onde Mórmon falava:

— Sim, tem um local específico? Cambio!
— Tem sim! Venha até o posto que te digo. Ele é depois do trevo. Cambio!
— Está bem, já estamos nos deslocando até ai! Cambio desligo!

II

Ao desligar, Jéferson estando ao computador perguntava a Cezar que se deslocava até a uma mesa com papéis sobre ela:

— E aí, pegaram mais alguém?
— Não, o lugar já ficou manjado.
— Esse pessoal tá esperto hein!
Ambos riem, dizendo Cezar:
— É!

III

Aluízio colocava o aparelho no porta-malas da viatura dizendo a Mórmon:

— Não vejo a hora do meu turno acabar, tô acabado cara!

— Eu é que o diga!

Enquanto Mórmon fechava o porta-malas, vinha ao longe na estrada em sua direção uma frota de motoqueiros, e Aluízio dizia:

— Mas o que é aquilo?

— Droga! Maldita hora que guardamos o radar!

E Mórmon e Aluízio viam eles passarem em alta velocidade, sendo que o primeiro da frente, liderando tal comboio de mais ou menos trinta motoqueiros com sua Harley Davidson Road King, acompanhado de uma garota muito bonita atrás, todos os motociclistas estavam vestidos com calças e jaquetas de couro preto, estampado sobre ela um símbolo da cruz de cabeça para baixo com pingos da cor de sangue, olhavam tais policiais que abismados, Aluízio dizia:

— Não acredito numa coisa dessas!

— — Acredite! E o pior que acabamos de desligar o radar!

— Mesmo assim vou bater um rádio para a base os parar. Vamos parar esses caras!

Mórmon e Aluízio entravam rapidamente no veículo saindo dali cantando os pneus. Com o veículo em circulação atrás dos motoqueiros, dizia Aluízio ao rádio da viatura:

— Atenção posto 32! Na Escuta? Cambio!

Cezar se levantava rapidamente indo até o rádio, do qual dizia:

- Sim, na escuta! Cambio!
- Estamos perseguindo um comboio de motoqueiros, solicito que os parem, cambio! – dizia Aluízio.
- Positivo! Cambio!

A viatura da polícia Rodoviária Federal os acompanhava logo atrás somente com o giroflex ligado. O líder de tal bando; um homem que aparentava idade aproximada de 38 anos, estatura média, forte, cabelo baixo e cavanhaque no rosto; olhava para o retrovisor avistando nele os policiais se aproximando logo atrás.

Uma das mulheres que estavam de carona atrás do comboio, olhava para os policiais e os mandavam beijos, Mórmon dizia a seu amigo:

- Pra onde eles estão indo?
- Não sei de nenhum evento com moto.

IV

As motocicletas se aproximavam da barreira da polícia rodoviária federal, estavam esperando por eles os policiais Cezar e Jéferson que davam sinal com as mãos para todos pararem. As motos paravam fora em transversal na rodovia uma ao lado da outra, e a viatura que vinha logo atrás encostava dando somente um somido da sirene, e logo após desciam Mórmon e Aluízio indo rumo aos motoqueiros para ajudar seus companheiros.

V

Os motoqueiros riam e as mulheres ao olharem os policiais, diziam uma à outra sorrindo e mascarando goma de mascar:

— Estou ficando molhadinha!

O líder dos tais motoqueiros perguntava a Cezar que se aproximava:

— Sim, policiais?

Cezar olhava para todos e uma das mulheres lhe mandava um beijo, e ele dizia ao tal líder:

— Documentos dos veículos!

Mórmon e Aluízio passavam pelos motoqueiros que os encaravam dentre as mulheres que sorriam, e o líder do bando dizia a todos:

— Vamos pessoal! Deem o documento a eles!

Alguns dos motoqueiros murmuravam e o líder entregando tais documentos a Cezar, perguntava-o:

— Fizemos alguma coisa de errado?

Aluízio que pegava o documento de outro motoqueiro e estando ao lado de Cezar, respondia: